



88130157



PORTUGUESE A: LITERATURE – HIGHER LEVEL – PAPER 1
PORTUGAIS A : LITTÉRATURE – NIVEAU SUPÉRIEUR – ÉPREUVE 1
PORTUGUÉS A: LITERATURA – NIVEL SUPERIOR – PRUEBA 1

Friday 8 November 2013 (morning)
Vendredi 8 novembre 2013 (matin)
Viernes 8 de noviembre de 2013 (mañana)

2 hours / 2 heures / 2 horas

INSTRUCTIONS TO CANDIDATES

- Do not open this examination paper until instructed to do so.
- Write a literary commentary on one passage only.
- The maximum mark for this examination paper is *[20 marks]*.

INSTRUCTIONS DESTINÉES AUX CANDIDATS

- N'ouvrez pas cette épreuve avant d'y être autorisé(e).
- Rédigez un commentaire littéraire sur un seul des passages.
- Le nombre maximum de points pour cette épreuve d'examen est *[20 points]*.

INSTRUCCIONES PARA LOS ALUMNOS

- No abra esta prueba hasta que se lo autoricen.
- Escriba un comentario literario sobre un solo pasaje.
- La puntuación máxima para esta prueba de examen es *[20 puntos]*.

Faça o comentário de **um** dos seguintes textos:

1.

Acreditas que até aos vinte e um anos nunca tinha lido um livro? A não ser os de aprender. Aos vinte e um anos ainda tropeçava nas palavras escritas e não sabia o que muitas delas queriam dizer. Parece impossível olhando agora para esta biblioteca. Não há aqui um único livro que não tenha lido. A minha biblioteca. Tive todas as vidas que li. Milhares de vidas. Pensarás que deliro. As minhas ideias já estão um pouco confundidas mas não a este respeito. As vidas que li não foram menos minhas. Não há grande diferença entre o que se vive lendo e o que se vive vivendo. Milhares de vidas à nossa espera no silêncio dos livros. O silêncio dos livros não é igual ao nosso. [...]

A primeira pessoa que vi escrever foi o caixeiro-viajante. Eu e o meu pai tínhamos chegado há menos de uma hora à cidade e aquela descoberta maravilhou-me mais do que o mar que naquele dia luminoso parecia um céu na terra. Do mar já me tinham falado, da escrita é que não. O caixeiro-viajante apontava as onças de tabaco, o vinho, a aguardente e outras mercadorias que o taberneiro lhe encomendava. Eu não sabia o que era aquele pau pequenino que o caixeiro-viajante tinha na mão, um pau que deixava riscos numa caixa de folhas como os livros da missa só que mais fina. Perguntei-lhe o que estava a fazer. A escrever, disse, assim não me esqueço. Não percebi. E o caixeiro-viajante não percebeu o que eu não percebia. Levámos algum tempo nesse desentendimento. Uns riscos num papel que impediam o esquecimento? Claro que me estavam a mentir. Não há como saber pouco para se julgar que já não há nada para aprender. Vão gozar com outro, resmunguei. O caixeiro-viajante insistiu que era verdade e o resto dos homens que bebiam, sentados no banco de pedra que acomodava a taberna, também deram a palavra de honra. O taberneiro jurou pela alma da mãe. Acabei por acreditar. Se é assim eu também quero, disse determinado. Na juventude ainda não se teme o ridículo e esse é um dos seus encantos. Todos se riram. Tinham as dentuças apodrecidas. São os ignorantes os que mais se riem da ignorância. Não têm como a lamentar.

Demorei algum tempo a aprender a ler e a escrever. Já não tinha a cabeça tenra das crianças e a aprendizagem encontrava obstáculos em todo o lado. Especialmente na vergonha perante a irmã do caixeiro-viajante.

Não te sei descrever o que senti quando aprendi a ler e a escrever. Era como se tivesse nascido novamente com poderes especiais. A mudança não teria sido maior se me tivessem crescido asas ou garras afiadas. Nascer com quinze anos não é o mesmo que nascer com nove meses. Já és quase um homem, tens um corpo forte, sabes de mais, lembras-te de muitas coisas. Asas e garras nunca seriam suficientes para quem, nunca tendo saído de Besteiros, nasce aos quinze anos numa cidade. Ainda para mais ruim como eu. Estava fascinado com aquele mundo novo deslumbrantemente mais rápido e extremado.

Até aos livros do doutor só tinha tido nas mãos livros de aprender a ler. Nunca tinha visto livros sem desenhos. Só com letras. Li uns bocados ao acaso. Estranhei. Parecia-me um disparate utilizarem-se as palavras para contar coisas que não tinham acontecido. Para inventar. Para mentir. Não percebia o interesse de usar as letras sem ser para o que era importante e que não devia ser esquecido, por nós ou por outros. Mas o que é certo é que no dia seguinte lembrava-me de forma mais clara de algumas das mentiras que tinha lido do que da maior parte do que me tinha acontecido na minha vida.

Dulce Maria Cardoso, *A biblioteca* (2011)

2.

“Certos dias invade-me o receio”

Certos dias invade-me o receio
De vir a enlouquecer por teu respeito...
Bem sabes que quem ama está sujeito
Aos dissabores de que o mundo é cheio.

5 Quando vou ver-te, alvoroçado o peito,
E acontecendo andares de passeio
Não te vejo nem ouço o teu gorjeio,
O dia passo em lágrimas desfeito.

Juro então não voltar à tua casa,
10 E prometo esquecer-te, despeitado,
Apesar da paixão que ainda me abrasa...

Prometo, juro não voltar; mas quando
Dou comigo, de novo eis-me ao teu lado,
Vendo-te e ouvindo e, louco, te adorando!

Zeferino Brazil, *Palavras ao vento in Vovó musa* (1973)
